

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ROTEIRO DE ATIVIDADES

1ª SÉRIE

4º BIMESTRE

AUTORIA

ANGELICA CESAR VALENCA

Rio de Janeiro

2012

TEXTO GERADOR I

Às vésperas de fazer 80 anos, Ferreira Gullar prepara livro e peça

Maria Carolina Maia



“A poesia nasce do espanto. Nasce quando eu estou na sala, me levanto para atender ao telefone e o osso do fêmur bate no da bacia. Eu desligo o telefone e penso, mas que é isso, um osso batendo dentro de mim?”

Com a morte do mineiro Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) e do pernambucano João Cabral de Melo Neto (1920-1999), a coroa da poesia nacional voou, sem escalas, para a cabeça do maranhense Ferreira Gullar - posição reforçada pela recente conquista do Prêmio Camões, principal distinção dada a escritores de língua portuguesa. Ainda que pouco afeito a vestes institucionais, ele não teve como evitá-lo, e assumiu com consciência a responsabilidade. “É por isso que eu publico pouco. Não posso escrever besteira.” (...)

Qual o tema principal de Em Alguma Parte Alguma?

O livro tem três partes sem nome, que podem ser separadas pelo conteúdo. Uma delas fala do cosmos, do problema da galáxia e da Terra e da vida e da luz, uma série de coisas. Outra tem poemas mais ligados ao meu livro anterior, como um sobre (José Maria) Rilke e a morte, que é um texto longo. A terceira parte tem um jogo entre a ordem e a desordem. Esse é um dos temas básicos do livro. Vários poemas tratam disso.

E a peça O Homem como Invenção de si Mesmo, do que trata?

Essa peça (risos) é uma teoria (ele diz “tioria”). Eu, ao longo dos anos, cheguei à conclusão de que a vida é uma coisa inventada. Que nós inventamos a nossa vida e nos inventamos. Cada pessoa se inventa. O cara se inventa poeta, se inventa pintor, se inventa músico, se inventa como qualquer pessoa comum do mundo, porque, quando nascemos, não somos ninguém, não temos nem nome. É a cultura que vai nos formando, e a sociedade toda é uma invenção, uma coisa criada. Os valores, a religião, a ciência são coisas inventadas, não são coisas da natureza. Nós somos natureza, nosso corpo é natureza, mas nós vivemos no mundo da cultura. São valores que nos constituem. Como não sou filósofo, não iria escrever um tratado para mostrar minha teoria, entendeu? Então, resolvi escrever uma peça, um monólogo engraçado em que essa teoria é exposta.

Segundo a sua teoria, todo mundo se inventa. Por que, então, há quem queira se inventar poeta e não consiga?

(Risos.) Todo mundo se inventa, mas não é gratuito. É preciso ter as qualidades para o papel que nos inventamos. Se o cara se inventa filósofo, é porque quer e porque descobre dentro dele que é capaz de ser isso. É uma mistura de acaso e de vontade, mas também de necessidade. Isso é um aspecto. O outro aspecto é o seguinte: a invenção que você quer fazer de você mesmo tem que ter o reconhecimento do outro. Se você diz que é músico, mas o que compõe não é bom, você não consegue se inventar como músico.

O que distingue o poeta do não-poeta?

Ah, isso eu não sei dizer. É pelo feeling que você percebe se é ou não é. Você vê pela maneira como o cara lida com as palavras. O modo de tratar as palavras de um poeta não é igual à maneira de tratar as palavras de um jornalista, de um escrivão. Um jornalista escreve bem, mas o modo de tratar a palavra que ele tem não é o que tem o poeta. É outra maneira. Isso você percebe quando o poema está bem escrito, mas não é poesia. (...)

Alguns autores dizem que escrever é um processo doloroso. Para o senhor, também dói?

Isso é mentira. Não é doloroso. Eu escrevo por prazer, ninguém me manda escrever. Muitas vezes, escrevo uma coisa a partir de uma dor muito grande. Mas não é o escrever que provoca a dor. Pelo contrário. No momento em que eu transformo aquilo em poesia, eu estou realizando a alquimia que transforma a dor em alegria estética. É o contrário. (T. S.) Eliott, o grande poeta anglo-americano, diz, “Eu escrevo para me livrar da emoção”.

É uma forma de catarse?

De algum modo, é. Mas eu escrevo porque a vida é pouca. Escrevo para criar beleza, para dar à vida algo que ela não tem. Algo de que naquele momento ela está carente. É por isso que a gente escreve. E não adianta eu ter escrito o Poema Sujo anteontem. Eu estou triste agora e preciso escrever outro poema porque o Poema Sujo já está escrito. Não me socorre mais. O que me socorre agora é o novo, o que vai nascer agora. O que me socorre é o processo da escrita.

Como nascem os poemas?

A poesia nasce do espanto. Nasce quando eu estou na sala, me levanto para atender ao telefone e o osso do fêmur bate no da bacia. Eu desligo o telefone e penso, mas que é isso, um osso batendo dentro de mim? É assim que nasce um poema. Aliás, nasceu, está no novo livro. O poema se chama Acidente na sala.

E o senhor deseja se tornar um imortal dentro da cultura brasileira?

(Risos.) Eu, pessoalmente, acho que o sentido da vida é outro. O outro. Nós vivemos para o outro, e fazemos as coisas para o outro. É ele que carrega no colo o que nós possivelmente chegemos a criar. Se a minha poesia toca as pessoas, elas vão guardá-la, preservá-la e passá-la adiante. Se ela não comunica, não comove, ela desaparece. Entendeu? Eu vou desaparecer. Na hora em que morrer, eu nunca existi. Shakespeare, Drummond, eles existiram, e hoje existem para nós. Somos nós que os carregamos e de certo modo damos vida a eles. Eles vivem em nós, através de nós, que assistimos às suas peças e lemos os seus poemas. Eu tenho um poema que diz assim, “Os mortos veem o mundo pelos olhos dos

vivos”, porque estava na praia e me lembrei do meu filho, que ficava passeando na areia. Mas ele estava ali, dentro de mim. Então, pensei que ele estivesse vindo através de mim. (Marcos, seu filho mais novo, morreu em 1990.)

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 1

O gênero textual em foco -entrevista – é amplamente veiculado em rádios, televisão e outros. Embora essencialmente oral, esse gênero textual vem frequentemente se apresentando em sua versão escrita em inúmeros veículos de comunicação, como revistas, jornais e sites. Considerando-se os aspectos estruturais de uma entrevista em sua versão escrita, pode-se dizer que tal gênero textual apresenta o seguinte esquema: Título, subtítulo, eventuais imagens, apresentação(introdução), desenvolvimento (perguntas e respostas) e desfecho. Com base na entrevista acima, dê o que se pede:

- a) Quais dos elementos estruturais acima estão presentes nessa entrevista?
- b) Quais recursos de linguagem foram usados para delimitar os interlocutores?

Habilidade trabalhada

Reconhecer a natureza dialógica da linguagem e os recursos para marcar o locutor e o interlocutor.

Resposta comentada

- a) O aluno deverá perceber que há título (Às vésperas de fazer 80 anos, Ferreira Gullar prepara livro e peça), uma apresentação (que consiste no primeiro parágrafo antes da primeira pergunta e onde estão informações acerca de quem será entrevistado, além do foco/assunto(s) que serão evidenciados), imagem do entrevistado e o desenvolvimento

todo feito através das convencionais perguntas e repostas. Entretanto, percebe-se que não há subtítulo (frase resumindo o tema, incitando/convidando o interlocutor a ler), além de não haver desfecho.

- b) A entrevistadora é a repórter da revista “*Veja*”, Maria Carolina Maia (cujo nome está acima da imagem do entrevistado). Além disso, para delimitar os trechos referentes às perguntas da entrevistadora, há o recurso gráfico do NEGRITO nas mesmas. As respostas do entrevistado ficam em parágrafos separados e não estão em negrito.

QUESTÃO 2

Transcreva da entrevista fragmentos que evidenciem marcas da oralidade e transcrições típicas de gêneros discursivos predominantemente orais como o em estudo.

Habilidade trabalhada

Reconhecer a distinção entre escrita e oralidade.

Diferenciar retextualização e transcrição.

Resposta comentada

Dentre os trechos que podem responder à essa questão, podem-se destacar : “*Essa peça (risos) é uma teoria (ele diz “tioria”)*”, Se ela não comunica, não comove, ela desaparece. Entendeu?, “*Ah, isso eu não sei dizer*” ou “*Você vê pela maneira como o cara lida com as palavras*”. Os primeiros fragmento descreve o som emitido pelo entrevistado e curiosamente coloca lado a lado a retextualização do repórter e a transcrição exata do modo como o entrevistado pronuncia a palavra em questão. O segundo trecho apresenta uma muleta linguística que é marca da oralidade, apoio na expressão oral e ao mesmo tempo recurso fático. O terceiro trecho destaca uma interjeição (marca da oralidade) e o quarto trecho apresenta uma referência popular “*o cara*”.

QUESTÃO 3

Como podemos observar, a entrevista objetiva divulgar a obra e o pensamento do entrevistado. Considerando-se a figura do entrevistado, podemos afirmar que a linguagem e o nível de formulação das perguntas estão apropriados. Explique e exemplifique.

Habilidade trabalhada

Reconhecer a natureza dialógica da linguagem e os recursos para marcar o locutor e o interlocutor.

Resposta comentada

Como “*todo o enunciado é um processo dialógico*”, na formulação das perguntas de uma entrevista deve-se considerar o interlocutor, sua formação cultural, nível de proximidade que se deseja ter com o entrevistado, o foco temático, o público ao qual se destina e outros aspectos. Na presente entrevista, a entrevistadora utiliza o padrão culto e formal da língua, apropriado a uma figura de tamanha expressividade cultural e mantém-se totalmente dentro do foco temático (a obra e as concepções do autor sobre o processo criativo de um escritor). Percebe-se também que a entrevistadora elaborou suas perguntas de forma cuidadosa, encadeada e para isso buscou informações acerca do autor e sua obra. Ex.: *Segundo a sua teoria, todo mundo se inventa. Por que, então, há quem queira se inventar poeta e não consiga?*

QUESTÃO 4

Pode-se dizer que nessa entrevista, assim como em outros gêneros textuais jornalísticos, há o predomínio de uma linguagem impessoal, pois o foco é a informação transmitida de modo objetivo, com o máximo de neutralidade por parte dos repórteres (não emissão de opiniões, uso predominante da 3ª pessoa...). Agora, observe o trecho: “*Ainda que pouco afeito a vestes institucionais, ele não teve como evitá-lo, e assumiu com consciência a responsabilidade.*” (referência da entrevistadora ao entrevistado no parágrafo de introdução). A marca da impessoalidade no discurso do repórter é mantida nesse fragmento?

Habilidade trabalhada

Identificar marcas linguísticas de impessoalidade, opinião e generalização.

Resposta comentada

Não, pois embora privilegie a informação através de uma linguagem imparcial (impessoal), assim como a reportagem e a notícia, há em uma entrevista (mesmo nas perguntas dos entrevistadores) uma abertura à expressão de concepções pessoais, impressões, conceitos (ainda que de forma discreta), como ocorreu no trecho acima citado. A entrevistadora acabou expondo conceitos e impressões sobre a personalidade de seu entrevistado, o que se evidenciou pelos termos “*pouco afeito a vestes institucionais... assumiu com consciência...*”, respectivamente advérbio, adjetivo e locução adverbial.

TEXTO GERADOR II

“Tenho medo de me perder”

Lady Gaga faz a primeira turnê no Brasil e fala à Marie Claire sobre os quilinhos a mais, insegurança e futuros projetos.

Ela tem só 26 anos e já desbancou a apresentadora Oprah Winfrey na lista das mulheres mais poderosas do mundo. No Brasil pela primeira vez para divulgar o disco Born this way, tem confirmados shows no Rio (dia 9) e São Paulo (11) e Porto Alegre(13).

MARIE CLAIRE – Dizem que você ganhou 11 quilos nos últimos meses. Isso a deixou mais insegura em relação ao corpo?

LADY GAGA – Fico insegura com o meu corpo como todo mundo. Uso roupas justas e curtas quando faço shows, por isso é importante estar sempre em forma. Mas me orgulho de ser como sou. Café e cigarro são os meus grandes segredos (risos).

MARIE CLAIRE – Born this way é considerado quase um hino à homossexualidade. Por quê?

LADY GAGA – *Me identifico com os homossexuais que sentem sozinhos, perdidos ou inferiores, e eles comigo. A ideia não é pensar “ Eu sou estranho”, mas, sim, “TODOS SOMOS ESTRANHOS”. Fiz a canção “Born this way” para todas as pessoas que se sentem diferentes ou marginalizadas pela sociedade. Quero encorajá-las e criar um mundo melhor.*

MC – *A pressão de ser Lady Gaga é muito grande?*

LG – *Sim, às vezes tenho medo de me perder, de que tudo se torne demais para mim. Por sorte tenho pessoas queridas que cuidam muito bem de mim.*

MC – *O que faz para relaxar durante seu tempo livre?*

LG – *Simplesmente não relaxo. Estou sempre no modo “efervescência criativa”. Se vejo um filme, analiso cada cena e penso como o figurino poderia entrar em um show meu. Hoje, aliás, antes desta entrevista, escrevi um novo trecho da minha própria música.*

(por Steffen Rueth) (novembro/2012)

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 5

Compare a delimitação dos interlocutores do texto gerador 1 com a do texto gerador 2.

Habilidade trabalhada

Reconhecer a natureza dialógica da linguagem e os recursos para marcar o locutor e o interlocutor.

Resposta comentada

No texto 2, além da marcação em Negrito nas perguntas do entrevistador, há o nome da revista (Marie Claire) antes de cada pergunta e o nome da celebridade entrevistada antes de suas respostas.

Além da questão acima proposta há possibilidade de criar uma questão sobre “*as marcas da oralidade*”, explorando o emprego do pronome oblíquo no início da resposta de Lady Gaga: “*Me identifico com os homossexuais...*”.

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO DE TEXTO

QUESTÃO 6

PROPOSTA 1

Escolha uma das celebridades entrevistadas acima e crie um banco de perguntas que gostaria de propor a ela, caso tivesse a oportunidade de entrevistá-la.

Ao elaborar, atente para: adequação da linguagem (considerando-se o interlocutor, seu nível cultural, o nível de proximidade possível...), o foco temático (preferencialmente em conformidade com o já existente na entrevista base), recursos para a marcação do entrevistador e outros. Peça também a um colega de classe que avalie suas perguntas seguindo tais critérios.

PROPOSTA 2

Pensem em pessoas célebres (pela atuação profissional, social...) na comunidade em vocês vivem, escolham uma delas e, em equipes de quatro, elabore uma entrevista para tal pessoa, seguindo os critérios estudados. Peça ao professor que a avalie, efetue-a (se possível, grave-a) e edite-a. Poste no blog do colégio ou a exponha em um mural.

QUAL A ESTRUTURA MAIS COMUM DE UMA ENTREVISTA?

- a) **Introdução/Abertura** – apresentação breve do (s) entrevistado(s) ou da(s) circunstância(s) que levou/levaram à entrevista. Podem também ser dadas informações complementares sobre o contexto da entrevista (local, data, condicionantes etc.).
- b) **Corpo da entrevista** – conjunto de perguntas e respostas. Quanto às perguntas, estas são previamente planejadas e, no momento da entrevista, são adaptadas ao ritmo da conversa, suscitando esclarecimentos ou evitando questões já respondidas.

- c) **Fecho/Considerações finais** – momento em que o turno de fala é predominantemente do entrevistador ou do jornalista editor que se utiliza para realizar os agradecimentos e/ou apontamentos sobre o material produzido.

Habilidade comentada

Produzir roteiro para uma entrevista editando-a depois para publicação em jornal mural ou blog.

Respostas comentadas

Espera-se que o aluno siga os critérios acima citados e estudados ao longo das aulas. Ao professor caberá orientar todo o processo, seguindo os critérios já citados e as orientações pedagógicas.